RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.1 2025. | submissão: 14/08/2025 | aceito: 16/08/2025 | publicação: 18/08/2025

Docência e identidades LGBTQIAPN+

Teaching and LGBTQIAPN+ identities

Bruno Henrique Almeida da Silva[1]

Resumo: Vivemos em uma sociedade onde, infelizmente, a intolerância com o que é diferente é muito intensa e refletir sobre essas temáticas é de extrema importância na sociedade, principalmente dentro da educação, para que possamos tentar erradicar com o preconceito às diversidades. Essa pesquisa buscou refletir sobre os desafios e potenciais barreiras relacionadas aos preconceitos direcionados a docentes LGBTQIAPN+ durante a sua atuação profissional e como questões relacionadas a gênero, sexualidades e LGBTfobia podem interferir, de alguma forma, no processo de aceitação do profissional por parte dos envolvidos (escola/família) com a educação. Pretendeu-se, também, enfatizar a importância da igualdade entre as pessoas dentro da sociedade na percepção de seus papéis e comportamentos e as interferências no contexto educacional.
Palavras-chave: LGBTfobia. Gênero. Sexualidade. Educação.

Abstract: We live in a society where, unfortunately, intolerance towards what is different is very intense and reflecting on these themes is extremely important in society, especially within education, so that we can try to eradicate prejudice towards diversity. This research sought to reflect on the challenges and potential barriers related to prejudices directed at LGBTTQIA+ teachers during their professional work and how issues related to gender, sexualities and LGBTphobia can interfere, in some way, in the process of acceptance of the professional by those involved (school/family) with education. It was also intended to emphasize the importance of equality between people within society in the perception of their roles and behaviors and interferences in the educational context.
Keywords: LGBTphobia. Gender. Sexuality. Education.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca trazer reflexões acerca de temas bastante pertinentes relacionados ao âmbito da escola/educação, abordados na disciplina "Educação, etnia, gênero e classe", na qual discutimos em sala e neste artigo busquei a analisar alguns aspectos referente ao preconceito no ambiente escolar no dia a dia de professores/as que se consideram como parte do que hoje conhecemos como LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, Queers, Intersexo e Assexuais)[2] e os desafios enfrentados no contexto educacional.

Como uma pesquisa que se propõe a dialogar e propiciar reflexões acerca dos modos como professores/as LGBTQIAPN+ vivenciam o cotidiano escolar, é importante localizar experiências que propiciaram o interesse por esse objeto investigativo. Nesse contexto, localizo minhas vivências como sujeito que sofre as interferências desta sociedade e que precisa lidar

[1] Mestrando no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus Três Lagoas. E-mail:brunoalmeida50@hotmail.com
[2] 3 Importante ressaltar que o movimento tem construído diferentes siglas para identificar-se, como por exemplo: LGBTTIA, LGBTTQIA+, porém neste trabalho utilizarei apenas a sigla LGBTTQIA+

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

cotidianamente com as negociações advindas da assunção de uma identidade LGBTTQIA+, sobretudo na escolha da profissão docente.

Nesse contexto, buscamos refletir sobre os desafios e potenciais barreiras relacionadas aos preconceitos direcionados a docentes LGBTQIAPN+ durante a sua atuação profissional e como questões relacionadas a gênero, sexualidades e LGBTfobia podem interferir, de alguma forma, no processo de aceitação do/a profissional por parte dos envolvidos (escola/família) com a educação. Pretendeu-se, também, enfatizar a importância da igualdade entre as pessoas dentro da sociedade na percepção de seus papéis e comportamentos e como isso interfere no contexto educacional.

O pesquisador Fernando Seffner (2006, p. 91 - 92) ressalta que:

> A crença socialmente institucionalizada segundo a qual existira apenas um modo legítimo de viver as masculinidades e as feminilidades e uma única forma 'sadia e normal' de expressar-se sexualmente a heterossexual - vem fazendo com que os sujeitos que não se adequam nessa representação sejam colocados e se sintam a margem, como 'desviantes', 'aberrações', 'contra a natureza'.

Existem muitos desafios para essas profissionais em sua integração no âmbito educacional, e, portanto, há uma necessidade de se pesquisar as temáticas relacionadas. Os estudos de gênero e sexualidade procuram explicitar de que forma as questões ligadas à constituição das identidades se alinham às perspectivas históricas, culturais e sociais, buscando enfatizar o processo de construção dessas identidades questionando a naturalização binária e normativa acerca dessas representações.

Guacira Lopes Louro (2007, p. 204) ao discutir sobre a temática enfatiza:

> Sei que a sociedade trata desigualmente esses sujeitos e valoriza diferentemente essas práticas. Sei que tudo isso é atravessado e constituído por processos de classificação, hierarquização, de atribuição de valores de legitimidade e ilegitimidade, que sujeitos são acolhidos ou desprezados conforme as posições que ocupem ou ousem experimentar. Sei que tudo isso está, seguramente, embaralhado com questões de poder. E aqui encontro justificativa não apenas para refletir, mas para ensaiar estratégias que, eventualmente, possam perturbar ou alterar, de algum modo, o 'intolerável'.

Compartilho o ponto de vista da autora, colocando-nos enquanto pesquisador e refletindo sobre a necessidade de não apenas explorar e entender a temática, mas também buscar maneiras de minimizar a intolerância, visando o respeito às diferentes identidades, com especial atenção para aquelas que não se enquadram dentro da "normalidade" imposta pela sociedade.

A escola sendo considerada um local que abraça (ou deveria abraçar) a todas as pessoas precisa ser e estar sempre aberta ao diálogo. Para tal, necessita realizar o estímulo de reflexões sobre as realidades sociais existentes, promovendo pensamentos críticos entre seus integrantes.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Existe a necessidade de debate sobre todas as formas de preconceito para que as pessoas que fazem parte do ambiente escolar sintam-se acolhidas em suas diferenças. Impedir o debate acerca de uma temática como a LGBTfobia na escola é legitimar o preconceito, independentemente da percepção ou da existência de casos explícitos dentro das instituições, silenciar estas discussões contribui para fortalecer a ignorância, invisibilizar identidades e preservar o preconceito. Acerca disso, Louro (1997, p. 67) afirma:

> Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda eliminá-los, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas 'normais' os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da 'norma'.

Nesse sentido, este trabalho se fundamenta a partir de um silenciamento existente sobre a temática da diversidade sexual nas escolas, que por muitas vezes está entrelaçada a um modelo predominante de cultura escolar. Acreditamos que a assunção das identidades afetivo- sexuais dos sujeitos fora da norma cisheteropatriarcal[3] possa motivar no âmbito escolar a difusão do respeito às várias identidades existentes e combater esses discursos de ódio que perpassam a realidade de muitas escolas.

O PRECONCEITO NO AMBIENTE ESCOLAR

Em nossa sociedade, ainda são recorrentes os casos de desrespeito às diferenças e minorias e quando se trata de situações relacionadas à sexualidade das pessoas, os desafetos são intensificados exacerbadamente. A LGBTfobia é resistente principalmente dentro das instituições escolares. Quando falamos em preconceito, nos referimos à juízos emitidos aos nossos valores antes mesmo de conhecer, ou seja, conceitos antecipados ao conhecimento das realidades. Percebe-se também que muitas vezes esse tipo de intolerância no ambiente escolar ainda é mascarado, pois percebe-se muitas vezes alguns discursos de pessoas que se dizem empáticas, mas que na verdade preferem não se manifestar a favor das diferenças e ainda, pelas costas, disseminam a aversão contra o público LGBTQIAPN+. Para o pesquisador Roger Raupp Rios preconceito e discriminação são termos correlatos que são usados de modo intercambiado.

> Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos. O primeiro termo é utilizado largamente nos estudos acadêmicos, principalmente na psicologia e muitas vezes nas ciências sociais; o segundo, mais

[3] cisheretopatriarcal é um termo que enfatiza que a discriminação exercida tanto sobre as mulheres como sobre as pessoas LGBTQIAPN+

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

> difundido no vocabulário jurídico (RIOS, 2009, p. 54).

É notório que esse tipo de preconceito/discriminação, a LGBTfobia, acontece dentro da escola, mas que, acima de tudo, ela também se propaga dentro dos lares e na sociedade como um todo. Habitualmente vemos crianças que já nos primeiros anos de escola se mostram intolerantes a tudo o que não seja o que os pais consideram "normal", como por exemplo, um menino vestido de rosa, ou uma menina que use tênis azul. Sabendo que existem exceções e acreditando na educação como ferramenta transformadora e construtora de cidadãos/as eticamente comprometidos com a vida, entendemos que um trabalho minucioso precisa ser realizado para que, cada dia mais, ocorra mudanças em atitudes discriminatórias, principalmente dentro das escolas.

> A discriminação é uma prática social que marca o cotidiano das escolas. Opera a desqualificação do outro, podendo acarretar graves danos pessoais e sociais. Entende-se a prática discriminatória como a valoração das diferenças de modo a promover desigualdades ou prejuízos para as partes desqualificadas. A educação é uma ferramenta política emancipatória, que deve superar processos discriminatórios socialmente instaurados, a fim de transformar a realidade pela reafirmação da ética democrática. Nesse sentido, a escola é um espaço de socialização para a diversidade (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 9).

Toda escola precisa ser um espaço de socialização para a diversidade e todos os agentes da educação precisam estar sintonizados na mesma frequência no combate à discriminação e a LGBTfobia. Hoje sabemos que isso não acontece (e/ou que há resistências a um trabalho efetivo que lute contra LGBTfobias) e a exemplo disso vimos depoimentos anteriormente apresentados, onde a autoridade máxima de uma instituição optou pela não contratação de um professor porque ele era uma pessoa bem resolvida com sua sexualidade.

Outro fato comprovado é o preconceito relacionado aos estereótipos binários, como por exemplo, se a menina tem o cabelo curto, usa uma roupa eventualmente considerada mais masculina, provavelmente será considerada lésbica. Ou o fato de o menino não poder brincar com uma boneca, usar roupas rosa ou ter cabelo longo, restringindo-o a vivências específicas daquilo que se considera como masculino. Verifico então que desde a educação infantil ao ensino superior, são repetidos alguns estereótipos que padronizam comportamentos, onde alguns estereótipos são explicitados e utilizados como determinantes do gênero e da sexualidade tidos como "normais" e aceitos na sociedade.

A resistência só é possível quando propiciarmos a valorização de toda a diversidade presente no ambiente escolar, enfatizando noções de respeito e de uma educação efetiva que compreenda de fato a função social da escola.

> A escola é um espaço repleto de diversidades representadas pelas marcas corporais de

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

> todos os sujeitos que ali estão, vivenciadas e construídas num contexto real. Portanto, são nos seus corredores, pátios e salas de aula que crianças, jovens e adultos têm a oportunidade de conviver com a multiplicidade de identidades sociais existentes na sociedade e, a partir dessa convivência, colocar em prática os mecanismos sociais de aceitação ou rejeição aprendidos e ensinados pelos sistemas culturais nos quais estamos inseridos (FRANCO, 2009, p. 127).

É urgente e necessário que se trabalhe para que a escola seja colocada enquanto espaço diversificado onde se respeita as diferenças. Enquanto isso não acontecer, a escola continuará sendo ambiente de produção das situações aflitivas para o público que mais precisa de apoio, que sofre o preconceito e a exclusão por ser diferente.

PROFESSOR "FORA DO ARMÁRIO"

Sei que os desafios de ser docente são inúmeros e quando se é docente homossexual esses desafios se dilatam consideravelmente, pois o preconceito ainda existe na nossa sociedade. Percebe-se que muitos/as professores/as preferem manter a sua identidade sexual velada e permanecem no que conhecemos como dentro do armário.

> Reconhecer-se nessa identidade é questão pessoal e política. O dilema entre 'assumir-se' ou 'permanecer enrustido' (no armário – *closet*) passa a ser considerado um divisor fundamental e um elemento indispensável para a comunidade. Na construção da identidade, a comunidade funciona como o lugar da acolhida e do suporte – uma espécie de lar. Portanto, haveria apenas uma resposta aceitável para o dilema (repetindo uma frase de Spargo, *to come home, of course, you first had to 'come out')*: para fazer parte da comunidade homossexual, seria indispensável, antes de tudo, que o indivíduo se 'assumisse', isto é, revelasse seu 'segredo', tornando pública sua condição (LOURO, 2001, p. 543).

Analisando as palavras da pesquisadora podemos perceber que esse reconhecimento é individual e dentro da comunidade se torna indispensável. Porém, no ambiente escolar essa situação acaba sendo analisada de outra forma, pois o nível de aceitação é outro e para evitar algum tipo de 'problema' muitas vezes o/a docente prefere manter-se dentro do armário.

A sexualidade é vista como um problema, salientando-se a necessidade de agir no sentido de corrigir e/ou silenciar questões que possam trazer problemas para a ingênua paz estabelecida no ambiente escolar. O termo problema parece ressaltar que o debate sobre a sexualidade de um modo geral é algo fora do que é considerado normal pela sociedade. Tudo o está fora dessa normalidade é considerado proibido. Foucault (1988) propôs analises acerca das sexualidades em diferentes produções teóricas.

> [...] em seus estudos, [Foucault] não se propôs a fazer a sociologia histórica da proibição, mas a história política de uma produção de "verdades". Dizia que vivemos em uma sociedade que produz discursos tidos como verdades. Essa produção de "discursos verdadeiros" resulta na formação de poderes específicos. Assim, sustenta que as "verdades" produzidas em relação a sexualidade tornou-se um problema no Ocidente, uma vez que levaram à repressão sexual. (RIBEIRO, 1999, p. 359).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Nesse contexto, ao recuperar as produções foucaultianas, Ribeiro (1999) reflete sobre os modos como as questões relacionadas à sexualidade propiciam noções de normalidade e, portanto, da constituição de certa "hipótese repressiva". Na educação, esse processo se consolida na constituição de discursos que estabelecem apagamentos, censuras e barreiras que forjam e direcionam as identidades não-normativas para dentro do armário.

Sair do armário nem sempre é fácil. Com o decorrer do tempo esse quadro tem se alterado, mesmo que ainda a passos lentos, permitindo às pessoas certa liberdade para escolherem se querem estar alocadas nessa trama ou em seus interstícios.

> Claro que o fato de uma sociedade ser mais ou menos aberta à homossexualidade influenciará fortemente a decisão dos sujeitos de "saírem ou não do armário", o que implicará maiores ou menores conflitos em face da maior ou menor homofobia nela existente. Mediante crescente desejo e necessidade de visibilidade, parece haver em nossa sociedade um número cada vez maior de homossexuais que não se escondem mais. Isto é consequência de um conjunto de transformações sociais que criou as condições para que, especialmente nas grandes cidades, homens gays e mulheres lésbicas não mais se curvem às pressões homofóbicas de seu meio circundante, até porque estas pressões estão cada vez menores, dada a maior liberalização dos costumes, especialmente a partir da diminuição da ascendência de valores religiosos e da laicização do Estado. (MELLO; GROSSI; UZIEL. 2009, p. 166).

Embora podemos ler/ver/ouvir relatos diversos, podemos refletir que existem pontos positivos e negativos no que diz respeito ao docente estar "dentro ou fora do armário". É fato que o medo se apresenta enquanto um ponto negativo dentre de alguns relatos, pois a preferência por omitir a sexualidade para evitar possíveis problemas com alguns responsáveis faz com que o enfrentamento relacionado ao preconceito contra a homofobia, independentemente da situação, se torne enfraquecida. Também a falta de segurança relacionada ao apoio e ao medo de possivelmente perder seu emprego, faz com que os/as docentes mantenham discrição em relação a sua sexualidade.

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Pesquisando rapidamente sobre a educação no Brasil, pude visualizar que se iniciou com a chegada dos jesuítas no nosso país. Desde então, religião e educação caminharam juntas durante muito tempo, se é que até hoje não caminham juntas. Embora seja um assunto muito amplo e que perpassa muitas abordagens vale refletir que esse histórico talvez seja o responsável por muitas das barreiras que nós, homossexuais, atravessamos ainda hoje, haja vista que alguns pressupostos defendidos por correntes religiosas seguem na direção da invisibilização de identidades que não se enquadram na lógica binária e heteronormativa (NUNES; SILVA, 2000). Ao ser decifrada como algo inaceitável, por grande parte da

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

sociedade, a homossexualidade acaba sendo inadmissível no ambiente escolar. E historicamente, sendo considerado um exemplo a ser seguido, o professor jamais poderia relacionar sua vida profissional com questões ligadas à sua sexualidade, sobretudo à sexualidade dissidente.

> O mestre – e o jesuíta é seu exemplo mais perfeito – é cuidadosamente preparado para exercer seu ofício. Ele se torna um "especialista da infância", ele domina os conhecimentos e as técnicas de ensino, as armas para a conquista das almas infantis e para a sua vigilância, ele sabe graduar seus ensinamentos, estimular a vontade, treinar o caráter, corrigir com brandura – ele é o responsável imediato e mais visível da formação dos indivíduos (LOURO, 1997, p. 92).

Observando que se esse/a professor/a precisa ser o exemplo "perfeito", não possuindo liberdade para trazer aos seus/suas alunos/as temáticas relacionadas sobretudo à sexualidade (fora da norma), ele acaba não debatendo temas e contemplando aqueles/as alunos/as que estão em fase de compreensão de suas identidades e sexualidades. Crianças, adolescentes, jovens, alunos/as de todas as idades se encontram mergulhados na solidão de ser homossexual e não poder dialogar sobre sua vida na escola que é o ambiente onde se entende grande parte dos aspectos sociais da sua vida. Se ao menos os livros didáticos suscitassem assuntos relacionados ao tema, mas o que se encontra nesses instrumentos didáticos remete a preconceitos relacionados às sociedades patriarcais e heteronormativas, como o machismo, por exemplo. Quando os materiais didáticos apresentam um outro viés, valorizando a diversidade, em geral, tem sido restrito a poucas escolas e/ou retirados de pauta por movimentos conservadores que tem invadido os espaços educacionais com crenças e valores que ignoram a diversidade e as diferenças.

> A diversidade sexual comparece nas escolas e nos instrumentos pedagógicos de modo diferenciado. Tende a ser invisibilizada, é escassamente tematizada como conteúdo didático/pedagógico, e frequentemente a homofobia é subestimada em seus efeitos danosos às crianças e adolescentes. Não se sabe, a princípio, quem é ou não homossexual. Muitos adolescentes que começam a reconhecer desejo por pessoas do mesmo sexo se sentem constrangidos pela desvalorização corriqueira da homossexualidade e tendem a omitir sua condição, não encontrando na escola ou no(a) professor(a) uma referência para compartilhar suas dúvidas sobre sexualidade (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 11).

Muitos professores/as que preferem omitir sua sexualidade na finalidade de evitar problemas com familiares, ou até mesmo com receio de perder seus empregos, na verdade estão deixando de contemplar e ser, de alguma forma, um tipo de alicerce para aqueles/as alunos/as que se encontram em pleno desenvolvimento cognitivo e que ficam prejudicados por não saberem como lidar com essas questões que os atravessam.

Pude perceber enquanto observação, que existe uma preocupação em se trabalhar o tema

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

na formação dos/as alunos/as, mas que, sobretudo existe o entendimento por parte dos/as profissionais de que esse trabalho não é só do/a professor/a, mas também da família, talvez até em primeiro lugar, porém compreendem que muitas famílias balizam seus valores em perspectivas pouco inclusivas e de reconhecimento à diversidade. Pensando assim, podemos arriscar a dizer que o trabalho é mais árduo do que se imagina. Trabalhar contra LGBTfobia com as famílias é uma função que envolve a sociedade, de modo geral, todos os outros setores sociais e talvez estejamos bastante distantes de se conseguir uma mudança efetiva, mas é algo que não se pode deixar de lado, embora seja evidente que até mesmo para muitos/as professores/as esse debate ainda é considerado um tabu. Fica evidente também a dificuldade de tratar com a naturalidade devida o tema das sexualidades, de modo geral, não apenas das sexualidades dissidentes. Enquanto a escola e a sociedade não ultrapassarem barreiras relacionadas à essas interdições aos debates sobre a sexualidade, falar de LGBTfobia ainda continuará sendo uma dificuldade explicitada.

Além disso, para que o trabalho seja realizado com mais eficácia dentro das instituições de educação, é necessária uma formação mais sólida para que os/as professores/as possam ter mais segurança ao dialogar sobre um assunto 'considerado' tão delicado, mas que atravessa a vivência de qualquer sujeito, ou seja, trazer pessoas capacitadas para dar palestras, cursos, porque nós estamos século XXI e o assunto já evoluiu muito. Percebe-se que esses/as professores/as percebem a necessidade do debate e de aperfeiçoamento enquanto mediadores/as dessas questões. Mesmo existindo, em pequena escala em alguns lugares, o desenvolvimento de ações no combate a homofobia, isso se torna insuficiente já que os efeitos da homofobia se alastram socialmente.

> [...] é preciso considerar que, embora louváveis, ações isoladas tenderão a produzir efeitos limitados enquanto os temas da diversidade sexual estiverem ausentes da formação inicial e continuada de profissionais da educação e não comparecerem de maneira nítida e bem articulada nas diretrizes para os sistemas de ensino (JUNQUEIRA, 2009, p. 164).

De fato, existe uma grande batalha e não são raros os exemplos de tentativas de implementação de políticas de combate e prevenção à LGBTfobia (infelizmente sem efetividade, por descontinuidades políticas), como é o caso do programa Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção da cidadania homossexual, importante instrumento político para a visibilidade de ações especificas de enfrentamento da homofobia. Porém, por meio de conversa, percebo que essas ações efetivas ainda não conseguiram um alcance de toda a educação brasileira, já que os/as professores/as em questão clamam por auxílio. É importante frisar que esses programas foram praticamente

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

extintos no governo atual e esse desmonte começou antes disso. Mas, se acentua com ações e políticas, em muitos aspectos cerceadoras desses debates, instauradas por representações no cenário atual. Já na sua implementação, proposta como o Brasil sem homofobia foram alvo de críticas e censura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bastante complexa a discussão acerca do gênero e sexualidade dentro do contexto educacional. Essa complexidade se evidencia a partir do momento em que nos deparamos com esses/as docentes que trazem o medo de enfrentar possíveis problemas e acima disso uma possível demissão, pelo fato de trazer à tona um debate tão importante sobre gênero e sexualidade atrelado ao receio de, pelo fato de ser homossexual, ser taxado como uma "má influência" para os/as alunos/as.

Pude observar a partir de análises em sala que essas agentes ao exercerem sua profissão de docente não se desvinculam das marcas da sexualidade e do gênero inscritas em seus corpos, mesmo que não levantem uma bandeira explícita da causa. Retomando nossa questão primordial da pesquisa é válido pensar, quais os processos simbólicos, culturais, históricos e linguísticos interferem na constituição das identidades desses/as sujeitos LGBT's e se consubstanciam na prática docente e no cotidiano escolar? A principal interferência não está na constituição das identidades, mas no fato de deixar o medo (real e/ou imaginário) se sobressair à possibilidade de intervenções no campo das discussões de gênero e sexualidade, respondendo à função social de promover uma educação igualitária, crítica e humana, sensível as causas relacionadas à diversidade.

Evidentemente o preconceito contra o público LGBTQIAPN+ existe, mas a pesquisa que realizamos vem afirmar que dentro das instituições de educação isso acontece e sendo a escola um local que necessitaria ser um espaço de acolhimento das diferenças, de formação de opiniões e de cidadãos conscientes com os problemas existentes, isso não deveria acontecer.

É na escola, mas também com o apoio da família e da sociedade, que o trabalho acerca do respeito à diversidade deve acontecer, propiciando a compreensão de que a sexualidade, em suas diferentes dimensões, não modifica ou interfere na constituição do caráter das pessoas.

Importante salientar que a pesquisa sublinha pontos positivos e isso se realça quando contemplamos o acolhimento das escolas de modo satisfatório para os/as docentes fazendo com que os/as mesmos/as se sintam amparados/as e disponham de entusiasmo para dar continuidade em suas profissões. Finalizo com a reflexão de que, embora tenhamos um caminho longo a ser

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

traçado, contra todo tipo de preconceito, existem avanços constantes no processo de transformação do ser humano e que cada dia mais as diferenças têm sido respeitadas e chegará o tempo em que todos/as seremos igualmente valorizados/as e respeitados/as.

REFERÊNCIAS

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa estranha chamada amor? **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 1. n. 1, p. 71-96, fev. 1996.

CALIXTO, T. G. FRANÇA M. H. O. Lgbtfobia no ambiente escolar: desafios da prática docente**.** Universidade Federal da Paraíba. **3º CONEDU** – Congresso Nacional de Educação, 2016. Natal: RN.

FRANCO, N. **A diversidade entra na escola**: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. Dissertação (Mestrado em 2009) Universidade Federal (UFU). Uberlândia, Minas Gerais, 2009

FURLAN, C. C. CARVALHO, F. A. Gênero: para além das disputas ideológicas, os amparos legais. In: OLIVEIRA, M. MAIO, E. R. (Org.). **Gêneros, sexualidade e diferenças***:* categorias de análise, (des)territórios de disputas. 1. ed. Maringá: Eduem, 2019, v. 1, p. 61-82.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997ª.

JUNQUEIRA, J. D. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In:___. (org.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. p. 161 – 194.

LIONÇO, T. DINIZ, D. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros*? In:___. (orgs).* **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. p. 9 – 14.

LOURO. Guacira Lopes. Currículo gênero e sexualidade: O "normal", o "o diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003. p. 41-52.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

_____. **Gênero, sexualidade e educação***:* uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

_____. Teoria queer. Uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, Florianópolis, p. 541 – 553, 2001.

MELO, L. GROSSI, M. P. UZIEL A. P. A Escola e @s Filh@s de Lésbicas e Gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada,

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 159 – 182.

MOLINA, Luana. Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar**. Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

MOURA, R. G, Nascimento, R. P., Barros, D.F. O problema não é ser gay, é ser feminino: o gay afeminado nas organizações. **Farol** – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 4, n.11, 1478-1541, 2017

NUNES, César.; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança:** subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

RIBEIRO, M.O. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. **Rev. Esc. Enf***,* São Paulo, v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

RIOS, R. R. Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação. In: **Diversidade Sexual na Educação***:* problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (org.). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 53 - 84.

SANTANA, A. M. Relações de Gênero no Contexto do Curso de Serviço Social e a Predominância do Sexo Feminino na Profissão. **Anais do Seminário "Gênero e Sexualidades em fluxo":** interfaces cientificas, pesquisa e insubordinações, Aracajú, SE, Brasil, 2010.

SEFFNER, F. **Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção das identidades(s) e da(s) diferença(s).** Rio Grande: FURG, 2006.

SILVA, F.A. F. Narrativas de professores homossexuais na docência e no cotidiano escolar. **Encontro de pesquisa educacional de Pernambuco**. Garunhuns: 2014.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.